

ENTREVISTA: EDGARD DE ASSIS CARVALHO  
A NEGAÇÃO É A ESSÊNCIA DA TRANSDISCIPLINARIDADE  
Margarida Maria Knobbe

### ENTREVISTA: EDGARD DE ASSIS CARVALHO A Negação é a Essência da Transdisciplinaridade

Margarida Maria Knobbe - UFRN

Nesta entrevista concedida à revista *Inter-Legere*, Edgard de Assis Carvalho, professor titular de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais da PUC/SP, coordenador do COMPLEXUS, Núcleo de Estudos da Complexidade, atravessa fronteiras epistemológicas, institucionais e cognitivo-científicas para abordar criticamente a noção de transdisciplinaridade e seus usos. Tratando do contexto histórico e factual, tece considerações acerca da metamorfose por que passa a cultura científica desde o final do século passado e também da “pulsão produtivista” e fragmentária das agências financiadoras de pesquisa no Brasil. A despeito da endogamia dos comitês científicos, para ele, a negação é a essência da transdisciplinaridade: “Negar, por exemplo, a separação entre seres humanos e natureza; entre saberes locais e globais; entre unidade e diversidade”.

**MARGARIDA MARIA KNOBBE** – A noção de transdisciplinaridade tem se tornado, no meio científico e acadêmico, uma senha importante para reduzir a fragmentação dos conhecimentos e facilitar a abertura das fronteiras disciplinares. O I Congresso Internacional da Transdisciplinaridade ocorreu em 1994, no Convento de Arrábida, produzindo a *Carta da Transdisciplinaridade*, e teve como integrantes do comitê de redação Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu. Em 1996, Basarab Nicolescu lançou o *Manifesto da Transdisciplinaridade*, que pode ser considerado um sintoma da nova reorganização da cultura científica. De fato, Edgar Morin, no entanto, se antecipou à *Carta* e ao *Manifesto* em sua proposta de método complexo, na qual arquiteta uma ciência de base transdisciplinar, inaugural. Como você concebe a transdisciplinaridade? Há diferentes maneiras de concebê-la?

ENTREVISTA: EDGARD DE ASSIS CARVALHO  
A NEGAÇÃO É A ESSÊNCIA DA TRANSDISCIPLINARIDADE  
Margarida Maria Knobbe

**EDGARD DE ASSIS CARVALHO** – O final do século XX foi pródigo na formulação de cartas, manifestos, apelos em favor de um estilo de pensar que não abdicasse das figuras de especialistas e *experts*, mas que se empenhasse na busca de uma cosmovisão transversal capaz de sepultar de vez o fosso entre as culturas científica e humanista. Basta lembrar os temas da *Declaração de Veneza*, de 1986, realizada sob os auspícios da UNESCO. Foram passos importantes naqueles tempos desventurados e insignificantes de um final de século que acreditou demais nos poderes das tecnociências e do Estado. Desde Heidegger, sabemos que, em si mesma, a técnica não é boa nem má. Tudo depende dos agentes que fazem uso dela. A submissão da ciência à ideologia, muitas vezes, acarretou perdas e danos incomensuráveis à espécie humana. As datas de seis e nove de agosto de 1945, com os lançamentos das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, permanecerão para sempre no imaginário radical da Terra. De um lado, o progresso incontestável da Física – a fissão nuclear –; de outro, a destruição de indivíduos e culturas. Esses objetos ou artefatos-mundo, como Michel Serres denominou as bombas, sinalizaram algo até então impensável: a pulsão de morte sobrepujara a pulsão de vida. No estrito campo dos saberes, ficou mais do que evidente a necessidade de abrir as disciplinas, desterritorializá-las, inseri-las nos campos da arte e da filosofia, em busca de uma totalidade sem totalização.

Para tanto, era necessário negar, e todos sabemos que essa atitude implica assumir riscos diante da conformidade e dos narcisismos disciplinares. A meu ver, a negação é a essência da transdisciplinaridade. Negar, por exemplo, a separação entre seres humanos e natureza; entre saberes locais e globais; entre unidade e diversidade. Edgar Morin sempre insiste na pergunta-enigma: quem educará os educadores?

**MARGARIDA MARIA KNOBBE** – O artigo final da *Carta da Transdisciplinaridade* (1994) diz: “A presente *Carta da Transdisciplinaridade* está sendo adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, não se reclamando a nenhuma outra autoridade a não ser a

da sua obra e da sua atividade. Segundo os procedimentos que serão definidos em acordo com os espíritos transdisciplinares de todos os países, a *Carta* está aberta à assinatura de todo ser humano interessado em medidas progressivas de ordem nacional, internacional e transnacional, para aplicação dos seus artigos nas suas vidas”. A esse respeito, para além dos domínios da ciência e da pesquisa (como um método de pensar e uma estratégia de construção de conhecimentos), a transdisciplinaridade pode ser considerada também como um princípio ou uma atitude do sujeito diante da vida? O que seria um sujeito transdisciplinar?

**EDGARD DE ASSIS CARVALHO** – É inegável a importância da *Carta* no contexto histórico em que ela foi produzida. Como afirmei anteriormente, muitas petições foram produzidas por grupos de pesquisa, instituições sociais e setores da sociedade civil. A questão reside em saber a razão pela qual esses apelos não encontram ressonâncias significativas nas instituições. Há brechas e são nelas que ocorrem dissipações e emergências que possibilitam a construção de vias para o futuro. Arrisco afirmar que as instituições são sistemas de regulação, *fábricas da ordem*, uma feliz expressão de Zygmunt Bauman para referir-se ao conceito de cultura. Para Bauman, a cultura não consegue assimilar as desordens e reorganizações e, por isso, usou do recurso do dualismo, empenhou-se na identificação empírica diferencial entre cultura material e imaterial, tangível e intangível, popular e elitista. Muitas pesquisas foram conduzidas por essa fissura classificatória que redundou no esfacelamento da potência cultural, que envolve regras, modelos, ordens, mas também desordens, retroações, reorganizações. Sabemos que o sujeito é endorreferente e exorreferente, ou seja, traz em si uma historicidade multimilenar que, para o bem ou para o mal, precisa dos outros para se afirmar. Sabemos também que a força do *cogito* é inegável, mas que a ele é preciso acrescentar o *computo*. A todo tempo, seres humanos contemporâneos cogitam e computam e, com isso, constroem modos variados de inserção no mundo da vida. Em essência, não existe um sujeito transdisciplinar, mas um sujeito que

assume o caráter derrisório de suas concepções, que se insere nas variantes da natureza e acredita na viabilidade da Terra-Pátria, na impermanência do mundo.

**MARGARIDA MARIA KNOBBE** – A noção de transdisciplinaridade aparece frequentemente nos documentos das agências financiadoras de pesquisas, portanto, na “tecnoburocracia do pensamento”, como um critério imperativo do fazer ciência. Um certo clima de modismo parece que está se instalando a esse respeito. O que há de novo ou de simulação na metamorfose por que passa a cultura científica desde o final do século passado?

**EDGARD DE ASSIS CARVALHO** – Talvez seja esse o maior problema da transdisciplinaridade. É verdade que documentos elaborados em setores da “tecnoburocracia do pensamento” apropriam-se de ideias, conceitos, teorias. Basta olhar com atenção o que neles é dito e reiterado. Essas intenções, porém, passam a ser letra morta quando os endogâmicos comitês científicos se põem em ação para classificar e desclassificar, incluir e excluir.

Neles, o lugar do transdisciplinar é relegado a um plano inferior e as ideias transversais são categorizadas como “outras”, ou seja, sem cidadania cognitivo-científica. Um outro problema reside na proliferação dos índices quantitativos e da pulsão produtivista. Os escritos de um determinado pesquisador são considerados relevantes pelo número de artigos que produziu, isso se forem indexados em revistas classificadas como “de excelência”. Sabemos todos que escrever um ensaio, um livro e traduzir um livro envolvem um trabalho insano que, simplesmente, não é levado em conta. O que importa é a quantidade em detrimento da qualidade. Cito um exemplo. Os comitês de ética em pesquisa instituídos pela CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – a partir de 1986 são vinculados ao Ministério da Saúde, isso pelo fato de que foi pela via da saúde pública e coletiva, dos riscos das patentes, que se começou a pensar no assunto. O que está dito nas normas e resoluções da CONEP é que qualquer pesquisa que envolva seres humanos deve contar com um parecer ético que avalie a ausência de riscos à sua integridade. O

ENTREVISTA: EDGARD DE ASSIS CARVALHO  
A NEGAÇÃO É A ESSÊNCIA DA TRANSDISCIPLINARIDADE  
Margarida Maria Knobbe

que ocorreu foi que a exigência de um parecer ético estendeu-se ao campo das humanidades em geral. Vários fóruns foram constituídos e, deles, emanou a ideia de que a CONEP deveria ser deslocada para o Ministério da Ciência e Tecnologia, ou da Educação, ou até mesmo constituir uma secretaria especial. Mesmo diante de apelos e seminários, nada foi conseguido. Assim, as áreas das ciências humanas saíram prejudicadas por dois motivos: pela resistência e pela conformidade de pesquisadores. Porém, o fantasma da fragmentação atinge também os próprios colegiados éticos: muitos deles acreditam na necessidade de comitês específicos para as humanidades, para a saúde, para a física, para a matemática e assim por diante. Perdem-se de vez os pressupostos de Spinoza e Kant, para quem a Ética é universalista e cosmopolita. Edgar Morin, no volume seis de *O Método*, reitera que a Ética envolve a tríade indivíduo-sociedade-cosmo e que as chamadas Éticas das pequenas diferenças são aspectos desse caráter universal que rege as vivências humanas em geral. A metamorfose implica a superação de todos esses dualismos, fragmentações, intolerâncias.

**MARGARIDA MARIA KNOBBE** – Tendo em vista essas suas reflexões, o que você sugere para o futuro do sujeito e da ciência transdisciplinares?

**EDGARD DE ASSIS CARVALHO** – Ilya Prigogine tem um pequeno ensaio – *O futuro está dado?* – no qual deixa claro que o futuro está sempre em aberto e são os sujeitos que se incumbirão de delinear o sentido do amanhã. O futuro, portanto, não pode ser previsto, nem decretado. A via para o futuro da humanidade, como Edgar Morin reitera, compõe-se de múltiplas vias, à semelhança dos múltiplos afluentes de um rio que deságuam no mar. Deixar de lado a lógica da convenção e assumir de vez a lógica da audácia é um bom caminho, mas, para isso, os intelectuais terão de estabelecer uma nova planilha de relações com o poder. Qual o caminho a seguir? Cientistas são exploradores do universo sempre à procura de novos mundos, estejam eles na escala biológica, social, cósmica. Acredito firmemente na formulação de Freud, de 1927, em seu célebre ensaio *O futuro de*

ENTREVISTA: EDGARD DE ASSIS CARVALHO  
A NEGAÇÃO É A ESSÊNCIA DA TRANSDISCIPLINARIDADE  
Margarida Maria Knobbe

*uma ilusão*. Freud reiterava a possibilidade de um reordenamento das relações humanas que fosse capaz de eliminar as fontes do descontentamento com a civilização. O futuro do sujeito depende disso, por mais que seu dilaceramento seja visível por toda parte. É preciso acabar com a submissão ao Estado, ao poder e, em seu lugar, instaurar a concórdia, o reconhecimento, a tolerância, a sabedoria. Michel Houellebecq publicou neste ano um romance justamente intitulado *Submissão*, que acaba de ser lançado no Brasil. Nessa narrativa visionária e, ao mesmo tempo, melancólica, Houellebecq delineia um futuro próximo no qual a França passaria a ser governada por um certo Mohamed Ben Abbes, dirigente do partido da Fraternidade Muçulmana, que vence as eleições. Trata-se de uma política-ficção, como ele mesmo afirmou em entrevista recente ao *Le Nouvel Observateur*, e também de um grito de alerta diante da decadência do Ocidente. *Submissão*, ele diz, descreve um estado de espírito de uma França desidealizada e deprimida. O narrador, aliás, tem doutorado sobre Joris-Karl Huysmans (1848-1907), tem admiração incondicional por Friedrich Nietzsche (1844-1900), é professor da Sorbonne, tem orientandos, participa de debates rotineiros como muitos de nós. Islamizada, a Universidade, a princípio, o demite, depois o reintegra desde que princípios islâmicos sejam respeitados. Sua submissão tem alto custo psíquico e lhe dá a falsa impressão de que goza de livre-arbítrio.

A cerimônia de sua conversão na maior mesquita de Paris e seu juramento na Universidade selam de vez seu destino. Novos ideais podem, portanto, sucumbir na submissão ou empenhar-se na busca de tempos futuros pautados pela ética da liberdade e da solidariedade, da não conformidade, da indignação diante do mal-estar na civilização. Talvez o futuro do sujeito e dos saberes possa ser pensado a partir desse fundamento humanista, transdisciplinar, indignado, que assume o reconhecimento, a colaboração intercultural das culturas planetárias, a liberdade insubmissa do pensamento como um protocolo inegociável diante dos poderes instituídos, quaisquer que sejam eles.

Entrevista recebida em: 04/05/2015.